



TRIBUNA Livre

7
SETEMBRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção; LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

Voo de Ícaro

O mundo assiste, atônito, ao desenrolar dos acontecimentos internacionais, baseados no progresso da ciência atômica e dos foguetões balísticos.

Uma novidade de efeitos verdadeiramente atômicos na "guerra de nervos", é a experiência do Deserto da Nevada, que desenvolveu a temperatura inconcebível de um milhão de graus centígrados.

Belo argumento a apresentar nas conferências de desar-

mamento, já que a retórica política não se tem mostrado tão eficaz como seria para desejar!

E' esta armadilha — já não dizemos arma — que os homens preparam para se queimarem vivos, para se pulverizarem, para se volatizarem, para se anularem... se encontramos o termos!

Quer pelos efeitos que as irradiações exercem sobre a própria gênese, quer pelos

horrores cataclícticos que uma simples bomba pode produzir, quanto mais centenas; seja pelos efeitos morais ou seja pelo desperdício de riqueza e bem estar que se esbanja, pródigoamente, com o desgate astronómico a que a "paz armada" obriga, em que biliões e biliões se perdem na voragem cada vez mais intensa da preparação bélica; ora, sobretudo, porque se não temem consequências de qualquer espécie, — a humanidade caminha insensatamente para o abismo, sem que jamais qualquer força terrena ou qualquer argumento racional possa deter-lhe a marcha

(Continua na 4.ª página)

A LIMPEZA E ASSEIO da residência paroquial

Avizinha-se a data em que esta freguesia de Ferreiros receberá o seu novo pároco que vem substituir o Senhor Padre José Joaquim da Costa Azevedo, que também foi Arcipreste durante longos anos e deixou o seu nome indelévelmente ligado ao nosso Arciprestado.

Freguesia de acendrado fervor católico com provas dadas em tantas manifestações que pela sua grandiosidade sobrevieram ao tempo, foi, ultimamente, alvo de todos os comentários, alguns dos quais menos elogiosos e por isso pouco verdadeiros.

Valeu-lhe a circunstância

dos factos falarem bem alto no seu passado de esforço e dedicação e ter como testemunha ocular Sua Ex.ª Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz que no nosso meio viveu momentos grandes de afecto e realíssima veneração.

Por esse facto, pela sua colocação e grandeza, se foi sabendo que era vontade de quem de direito dar-nos um pároco que estivesse à altura da terra e da sua projecção, pelo seu aprumo sacerdotal e pelo seu ascendente social.

Em breve teremos motivos para rejubilar e oportunidade para agradecer as atenções e deferências que esta terra tem merecido a quem cumpre governar as coisas da Igreja e o faz com tanto carinho e superior critério.

Nunca esta freguesia faltou aos seus deveres cívicos e religiosos e chegou o momento de o demonstrar mais uma vez. A nossa residência paroquial, feita por vontade e ajuda de todos, à altura das exigências e em local magnífico, precisa de limpeza e asseio a dar nota significativa do nosso contentamento.

Dissemos precisa, como quem

(Contiuaa na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Diz a História que os primitivos povos que por aqui viveram — os *celtas* — tinham um culto e especial veneração pelos seus mortos — os *manes*; e, conforme foram sepultando seus pais e avós mais se lhes radicou o amor à terra em que se haviam estabelecido.

Mesmo que alguns glóbulos de sangue dessa longínqua raça não circulasse nas veias das modernas gerações, só esse exemplo seria incentivo de quão redobrado apêgo deveria sentir-se e com quanto duplicado amor deveria beijar-se a terra que já se confunde com as cinzas de tantas idades precedentes!

* * *

Mas essa operação lenta que no decurso de longos tempos, vem a verificar-se na fisionomia das nossas aldeias, num progresso e prosperidade crescentes, tem que vêr-se e analisar-se.

Uma natural mutação na ordem dos factores, que lhe deram alma e vida, influenciou por desigual o seu desenvolvimento.

Citânias e cidades da Lusitânia, que foram célebres em tempo dos romanos, algumas mal se identificam ou duvidosamente se lhes conhece a localização mesmo por estes montes e vales de Entre-Homem e Cávado, rigorosamente entendido, quando outras decaíram na condição de simples aldeias e lugares insignificantes e outras ainda se apagaram da face da terra, transformando-se em verdadeiros despovoados e cujas ruínas somente interessam o domínio da arqueologia.

O natural sentimento de mútuo respeito que as leis da Civilização conseguiram impôr a cada indivíduo, no sentido de que cada um possuía e logre pacífica e livremente a terra, só deste modo ela se tornou, em condições normais, mansão de paz desde o cimo das montanhas ao fundo dos vales, à extensão das planícies; das póvoas marítimas na orla do Oceano aos ricos nateiros interiores das margens fluviais.

Quanto mais o homem forte de outrora se dispersou pelos pontos altos e desabridos, em busca de posições estratégicas para sua defesa, da família, de seus rebanhos e haveres, tanto depois apreciou os sítios abrigados, férteis e amenos, até ao desenfreado «centralismo» a usufruir dos requintes do conforto morno e amolecedor das cidades modernas.

As Inquirições de 1220 ainda nos dão, em parte,

(Continua na 6.ª página)

Reunião extraordinária do Conselho Geral do Grémio da Lavoura

Convocado com a nota de urgente, reuniu, no passado sábado, o Conselho Geral do Grémio da Lavoura de Amares, a-fim de dar o seu parecer, segundo o aviso convocatório, sobre o orçamento suplementar, autorizar um empréstimo e a compra de um edificio para sede e armazém do dito Grémio.

Ao Conselho Geral presidiu o Senhor Dr. Tomás

Gonçalves de Andrade ladeado pelos Senhores Joaquim Ferreira e Franquelim Fernandes.

A chamada acusou a presença de número razoável de conselheiros e pela direcção estava o seu presidente Dr. Avelino Silva.

O Senhor Presidente do

(Continua na 4.ª página)



Representação no Aniversário dos Bombeiros V. do Porto

A nossa Associação de Bombeiros Voluntários, que nesta altura está a passar por profunda remodelação dos seus quadros, por forma a tornar-se uma instituição tão útil como merece ser, como estímulo do seu pessoal do corpo activo e porque muito gosto fez em honrar a Associação Portuguesa sua congénere, uma das mais antigas do País, cujo prestígio ultrapassou as nossas fronteiras, dirigiu-se no passado Domingo à Cidade Invicta e ali se incorporou no magestoso desfile de que fizeram eco os jornais diários com o relevo próprio.

Não calculava, porém, o brioso piquete, comandado pelo chefe Afonso, que iria ter uma surpresa ao passar

no posto da policia de Viação e Trânsito de Famalicão.

Um dedicado amigo da Corporação havia-se encarregado de telefonar por três vezes para este Posto, afim de recomendar à Policia que ao passar fizessem uma troca de continência, muito amistosa, é certo, mas que em todo o caso custou alguns escudos, embora poucos, à Associação.

Tanto a Policia de Trânsito como as Corporações que se fizeram representar no desfile do Porto, fizeram elogiosas... referências a um tão bom filho da Terra, que dá assim generosa esmola à sua Corporação.

A Associação sabe quem é e vai inscreve-lo como sócio benemérito...!

Aos Ex.mos Assinantes

Vamos proceder à cobrança dos assinaturas referentes ao segundo semestre do ano corrente.

Pedimos aos nossos amáveis assinantes para que não deixem de satisfazer o respectivo pagamento logo que os recibos lhes sejam apresentados pelo correio, pois a devolução de qualquer um, representa mais um sacrificio e prejuizo que a debilidade financeira do jornal não pode comportar.

A todos os assinantes que se encontram em atraso e, em especial, aqueles que não são abrangidos pelas zonas das cidades de Braga, Porto e Lisboa, incluindo a Amadora, solicitamos-lhes o obsequio de nos enviar as respectivas importâncias, em val ou em selos de correio, deduzindo, nos mesmos, as despesas que têm com o envio.

Desta maneira fica mais económico aos presados assinantes e a nós.

Também insistimos com os nossos assinantes do Ultramar, Brasil e Estrangeiro, para que nos façam remessa directa dos seus débitos ou que dêem as suas ordens aos seus familiares ou procuradores para legalizarem esses pagamentos; de contrário será impossível continuar a remeter-lhes o jornal.

De todos esperamos o melhor acolhimento.

A Administração

TRIBUNA AGRÍCOLA

Intervenção no comércio da batata de consumo

Por Portaria do Ministério da Economia, de 17 de Junho p. p. foi incumbida a Organização Corporativa da Agricultura, através dos seus Grêmios e Federações Regionais, a missão de procurar sustentar a catastrófica e já revista baixa do preço da batata, até limites que tornariam anti-econômica a sua cultura.

Se tal sucedesse, como de facto se verifica em vários pontos do País, seria de prever o abandono, ou pelo menos restrição da cultura a ponto de se tornar talvez necessário o recurso a importações para fazer face às necessidades do consumo.

Tais circunstâncias impõem uma regulamentação do comércio do produto, com vista a discipliná-lo quanto possível, garantindo ao produtor aquele mínimo indispensável compatível com as despesas da produção.

Foi esse o objectivo de Sua Excelência o Ministro da Economia ao fazer publicar aquele diploma Legislativo, pelo qual confiou à Organização Corporativa da Agricultura o espinhoso encargo de proceder à aplicação dos preceitos nele contidos.

Não obstante serem precários e até certo ponto falíveis os meios postos à sua disposição para actuar eficientemente, não quis a Organização declarar-se impotente e, corajosamente, resolveu enfrentar o problema com os meios de que dispunha, aqueles que lhe foram facultados, se ao mesmo tempo confiante em que o auxílio do Governo surgirá logo que as circunstâncias imperiosamente o exigam.

Com o objectivo de trocar impressões com os elementos responsáveis da Organização que no Entre Douro e Minho vão ser chamados a actuar, assumindo as responsabilidades inerentes, e que não são pequenas, foram chamados à sede desta Federação todos os dirigentes gremiais que tomaram conhecimento dos pontos básicos orientadores da intervenção em curso, dos fins a que esta visa e mais detalhes tidos como indispensáveis para uma normal e eficiente coordenação de serviços.

Teve essa reunião lugar no passado dia 20 de Julho, podendo dizer-se que foi frutuosa, estando nós plenamente convencidos que no espírito de todos os presentes não teria ficado qualquer dúvida sobre a responsabilidade do trabalho que aos Grêmios da Lavoura está a ser exigido em

prol da defesa dos seus agremiados.

Em todos teria ficado gravada bem funda a certeza de que a sua Federação está atenta aos problemas mais instantes da Lavoura e que não está nunca ausente quando se trata de os defender.

Que todos os lavradores agremiados assim o compreendam também, dispondo-se a colaborar honesta e disciplinadamente são os votos que fazemos, afirmando a convicção em que estamos de que assim realmente sucederá, a bem da Lavoura e, claro está, da Nação também.

Conservação de vasilhas sãs

Para manter em bom estado uma vasilha sã, devem abandonar-se os velhos hábitos de destampar as vasilhas, deixar secar as bôrras e outros semelhantes, que são responsáveis por quasi todas as alterações dos vinhos.

Seguir, confiadamente, as seguintes normas:

1.º—Mal a vasilha é esvasiada, lava-se repetidas vezes com água limpa.

Se a vasilha se puder rebolar, empregue-se a cadeia, que ajuda a desprender as bôrras. Se tem portinhola, lava-se e esfrega-se à vassoura de piassaba;

2.º—Repetir a operação até que a água saia limpa;

3.º—Deixar enxugardurante 24 horas;

4.º—Fechar ou abatecar e sulfurar com mecha, ou de preferência com o sulfurador.

Enquanto as vasilhas estão sem servir, sulfurar todos os meses.

Quando a vasilha fôr servir de novo, verifica-se pelo cheiro se esta sã e dá-se um forte suadoiro com água a ferver, lavando em seguida 2 ou 3 vezes com água fresca e limpa.

Deixa-se escorrer. Se não levar vinho imediatamente deve sulfurar-se.

TRATAMENTO DE VASILHAS

que contiveram vinhos doentes ou atacados de bolores

Vasilhas que contiveram vinhos doentes

As doenças dos vinhos são devidas a micróbios, seres pequeníssimos que com toda a facilidade se entranham na madeira das aduelas. Assim, quando um vinho se estraga ou é invadido por doença, há necessidade de desinfectar as vasilhas, de forma a destruir todos os agentes doentes que contenham.

Vasilhas com bolores

Os bolores nas vasilhas, consequência de as deixar ficar com borras, de batoqueiras abertas ou destampadas, ou de as fechar incompletamente secas sem as sulfurar, são sempre difíceis de tratamento principalmente quando este defeito não se atalha logo de início.

No caso de ataques recentes ou pouco intensos de bolores, aplicar o tratamento a seguir indicado, recorrendo à carbonização das aduelas nos casos mais graves.

Descoramento de vasilhas

Quando se deseje pôr a vinho branco uma vasilha servida a vinho tinto, deve efectuar-se o tratamento abaixo indicado.

Sulfuração

A prática da sulfuração é absolutamente necessária para a conservação das vasilhas; deve repetir-se pelo menos todos os meses. Emprega-se vulgarmente a mecha (tira de pano ou papel embebida em enxofre derretido), mas o seu uso, por vários motivos, não é muito de aconselhar, sendo preferível o emprêgo do mechador, tubo de folha de Flandres com orifícios, onde se põe a mecha a arder; este tubo suspende-se por um arame do batoque da vasilha.

Ainda mais perfeito é o emprêgo do sulfurador, aparelho barato e de grande utilidade na adega, que garante o pleno enchimento da vasilha com o gás sulfuroso.

O peso da mecha deve ser de 25 gramas por pipa de capacidade.

Da C. de V. R. V. V.

TRATAMENTO:

A) Vasilhas com portinhola

1.º—Dessarrar a vasilha de modo a ficar a madeira à vista e lavar bem com água fria;

2.º—Ainda com a vasilha húmida esfregar enérgicamente todo o interior com vassoura ou escova de piassaba usando a solução: Água fervente, 10 litros; Carbonato de sódio, 1 quilo; até que todo o cheiro estranho desapareça;

3.º—Lavar abundantemente com água fria;

4.º—Deixar escorrer e pincelar agora com: Água, 10 litros; Ácido clorídico, 1/2 litros.

Esta mistura não pode ser preparada em vasilha metálica, convindo empregar caneco ou alguidar de barro vidrado.

5.º—Esfregar a vasilha demoradamente com: Água fervente, 10 litros; Permanganato de potássio, 100 grs.

Esta solução prepara-se numa vasilha de folha ou barro vidrado e nunca de madeira, e só se emprega enquanto mantiver a cor vermelha intensa própria do permanganato. Quando ficar castanha deixa de ter acção e deve ser substituída por solução fresca;

6.º—Lavar abundantemente com água fria até que esta saia incolor;

7.º—Esfregar em seguida com: Água, 10 litros; Metabisulfito de potássio, 1/2 quilo.

8.º—Lavar com água fria, deixar escorrer durante 24 horas e mechar fortemente com fechador ou sulfurador.

B) Vasilhas sem portinhola

Se a vasilha não foi há pouco dessarrada, destampá-la para a raspar convenientemente e em seguida proceder ao tratamento indicado anteriormente em A).

1.º—Lavar abundantemente com água fria;

2.º—Introduzir pela batoqueira o cadeado, ou na falta deste pequenas pedras bem lavadas (cascalho miúdo). Juntamente com a solução: Água fervente, 10 litros; Carbonato de sódio, 1 quilo.

Rebola-se a vasilha de modo a bater fortemente todo o seu interior com esta solução, não esquecendo os tampos.

Este tratamento deve demorar cerca de 1/4 hora;

3.º—Lavar com água fria até a água sair limpa;

4.º—Introduzir agora pela batoqueira a seguinte solução: Água, 2 litros; Ácido clorídico, 1 decilitro; e rebolar

(Continua na 6.ª página)

Preparação

da adega e do material de vindima

a) Na adega, iniciar a limpeza por varrer e espanar o chão, tecto e paredes; seguidamente caiar as paredes e o tecto com a solução: Cal viva, 1 quilo; Sulfato de cobre, 0,5 kg; Água quanto baste para 100 litros, utilizando o próprio pulverizador das vinhas; apaga-se a cal à maneira habitual, junta-se-lhe água até perto de 100 litros e por fim mistura-se-lhe o sulfato de cobre diluído nalguns litros de água.

Ao encher o pulverizador cõa-se por uma rede fina.

O pavimento, sendo de terra batida, deve ser todo raspado e levar uma camada de saibro bem limpo e seco.

Sendo de cimento, deve ser abundantemente lavado com água e vassoura e por fim regado com a solução: Água, 100 litros; Metabisulfito, 100 gramas.

b) Os lagares de pedra e as dornas ou baças de fermentação são varridas e esfregadas à vassoura de piassaba com a solução: Água, 10 litros; Carbonato de sódio, 1/2 kilo, Em seguida lava-se muito bem com água limpa.

c) Quanto a caixas e dornas de transporte de uvas, grades das prensas, malhais, cestos, ancinhos de madeira, etc., a primeira operação a efectuar é raspar a seco (com um raspador ou simples pedaço de arco) esfregando-os em seguida com a vassoura rija de piassaba.

Tirada assim a sujidade aderente, esfregam-se com a solução de soda anteriormente indicada, empregando-a bastante quente. Deixa-se actuar a soda durante uma meia hora e lava-se depois o material com a vassoura usando água fresca e limpa em abundância.

d) O material de ferro que não possa ser dispensado (cilindros do esmagador, fusos das prensas, cântaros de folha, etc.), deve ser muito bem raspado e limpo, sendo aconselhável pintá-lo com duas demãos de verniz feito a banho-Maria e com Alcool puro a 95.º, 1 decilitro; Goma laca, 50 gramas.

Da C. de V. R. V. V.

Visado pela censura

TRIBUNA do CONCELHO

A alarmante situação dos nossos moleiros, dos consumidores de farinha milha e dos lavradores

Há dias, inesperadamente, o rio Cávado apareceu quase sem água, mais parecendo um ribeiro.

Na Caniçada, a Barragem teve de despejar a água para fazer uma reparação e, em seguida, para encher a albufeira, tapou completamente o caudal do rio.

Como consequência e em virtude da seca que atravessamos o rio ficou reduzido a um fio insignificante de água.

Pararam as azenhas e o nível do rio baixou a ponto de os lavradores que têm os seus motores a arrancar água do Cávado se verem impossibilitados de regar neste momento crucial do verão.

O mercado não tem farinha milha e daqui os comerciantes têm de ir à cidade de Braga abastecer-se comprando mais caro e pagando o transporte além de que nem todos o podem fazer.

Os moleiros, que têm os seus encargos e as suas famílias para sustentar estão absolutamente parados olhando o ribeiro que lhes dava o pão e a rigora passa cadenciado e pequeno, quase extinto.

A situação, jamais repetida entre nós é alarmante. Em poucos dias as colheitas podem perder-se e a lavoura terá de sofrer mais este sacrifício a acrescentar a tantos outros que continuamente a afligem e torturam.

Os pobres sofrem também porquanto o preço da farinha

subiu, mas pior do que a subida é ainda o facto de a não haver e quando alguma aparece no mercado logo se esgota.

Segundo informam da central este estado de coisas vai ainda aguentar-se por alguns dias depois de ter durado tantos.

O concerto que originou o esgotamento da barragem e que já constava há tempos ter de se fazer, devia sê-lo noutra oportunidade em que os males referidos se não fizessem sentir.

A administração das barragens precisa de acauteiar os interesses dos povos.

De umas vezes é água a mais que surpreende os moleiros e os lavradores causando-lhes prejuízos, de outras é a seca que lhes tira os direitos que adquiriram com as suas licenças e com os direitos imutáveis que à cidade confere a a obrigação do auto-sustento seu e dos seus.

Considerado o problema por quem não conhece a necessidade e as agruras do amanhã, do dia a dia, isto é insignificante, a tal tempestade num copo de água.

Para quem não tem orçamento, pois o gasto de hoje será do ganho de hoje, isto é, afronta, aquela afronta que é um eterno problema social.

Os grandes direitos não devem nem podem sufocar os pequenos direitos até por que os princípios cristãos não res-tabeleceram, ainda, fronteiras.

Até parece que tem razão, pois se todas as estradas estão a desfazer-se, quem manda ao ilustre particular alterar a regra.

Central do Caminho de Ferro

Acaba de ser prestada justiça a esta terra. Não fazia sentido que sendo o centro mais comercial e industrial do concelho, a sua central não pudesse receber encomendas de pequena velocidade.

Fica assim a Feira Nova dotada duma central que pode receber toda a espécie de encomendas e para toda a parte do País, o que vem trazer grande benefício para esta progressiva terra.

A dita central passa também a fazer todos os despachos, por intermédio de «A Modelar», onde fica instalado o seu escritório e armazém.

NECROLOGIA

Falecimentos

Na freguesia de Bouro — O sr. Fernando Ventura Braga, solteiro, de 17 anos de idade, no passado dia 22 do mês findo.

Na freguesia de Lago — A sr.a Cacilda Alves de Almeida, casada, com 68 anos de idade, no passado dia 30 do mês findo;

Na freguesia de Caldelas — A sr.a Maria Adelina de Almeida, casada, com 56 anos de idade, no passado dia 31 do mês findo;

Na freguesia de Ferreiros — A sr.a Felicidade Lagoa Malheiro, viúva, no passado dia 5 do corrente.

— Também na residência de seus pais, nesta freguesia, no dia 28 do mês findo, faleceu a menina Arminda José Dias da Silva, filha do sr. José Alvim da Silva e de Maria José Dias, desta localidade.

OBRAS

No lugar Novo, junto das casas novas, vai iniciar-se, na semana próxima, a construção de um edifício para quatro moradias obra do sr. João Ferreira Ferradais, desta freguesia de Ferreiros.

Estão a decorrer as obras na residência paroquial para o novo pároco que se espera ainda este mês iniciar o exercício das suas funções.

Vida elegante

Aniversários

Terça-feira — A Sra. D. Almerinda dos Prazeres Fernandes.

Quarta-feira — O Sr. Alberto Ramos Leite de Azevedo.

BOURO

Grande Feira Franca e Concurso Pecuário

Realiza-se nos próximos dias 21 e 22 do corrente, a Grande Feira Franca e Concurso Pecuário, que conforme anunciamos o ano anterior, realizar-se-á anualmente.

A Comissão trabalha incansavelmente para que a Feira atinja o brilho que se pretende, bastando para tal que não se inferiorize ao ano anterior.

Os programas vão ser afixados dentro de breves dias no próximo número deste jornal faremos largas referências sobre o assunto.

Central de Caminho de Ferro

Entrou em funcionamento nesta freguesia, uma Central de Caminho de Ferro, que muito irá beneficiar esta e outras freguesias circunvizinhas.

A referida funciona na Casa do Senhor Agostinho Vilela.

Aproveitamos para informar as pessoas que tal necessário, podem fazer os seus despachos de tarifas para esta Central, bastando para isso designar no volume «Bouro, Santa Maria (Central)».

Notícias pessoais

Por ter sido convocado para prestar serviço militar, partiu para Lisboa o nosso conterrâneo muito amigo, Se-

nhor Dr. Camilo Batista de Sousa.

«Tribuna Livre», em colaboração com o brioso povo de Bouro, deseja ao Senhor Dr. Camilo muitas felicidades e um breve regresso para junto dos inúmeros amigos seus conterrâneos.

A. Fernandes

Banda de Amores

Amanhã, dia 8, desloca-se a Soutelo, para tomar parte nas grandiosas e tradicionais festas a N. Senhora do Alívio, a afamada Banda de Música de Amores, que ali executará um vasto e escolhido repertório.

HUMORISMO

Paixão....

Um indivíduo foi visitar certa dama, que enviudara na véspera e encontrou-a a tocar piano.

Não pode ocultar a sua surpresa e exclamou:

— É extraordinário! Eu esperava encontrá-la na maior desolação...

— Ah! — diz a viúva com tom patético. Se me tivesse visto ontem. Aquilo é que foi chorar!...

Inibição doméstica

— Socorro! socorro sr. Doutor, grita acriada aflita.

— Que há, responde o dono.

— Pegou-se fogo à roupa da cama.

— Pois, vai dizê-lo à senhora que eu nas coisas de casa não me meto.

Marido satisfeito

— Gostaste do almoço? Foi eu que o arranjei.

— Dei logo por isso... As sardinhas de conserva estavam deliciosas.

O tempo e a agricultura

Continua o tempo de calor. Pelo que se vê e ouve o ano quanto a milho vai ser regular.

Quanto a vinho é péssimo e deve ser o pior do decénio. Já se vende vinho a 1.500\$00 a pipa de 500 litros e a mais.

Agressão à pedrada

Recebeu tratamento no Hospital de S. Marcos, da cidade de Braga, o sr. José Almeida Pereira, de 16 anos de idade, mecânico, do lugar de Vasconcelos, freguesia de Ferreiros, deste cancelho, que apresentava ferida contusa do couro cabeludo, em virtude de ter sido agredido à pedrada.

Casamento

Cavalheiro idónio, deseja corresponder-se com menina de 22 a 25 anos de idade, para fins matrimoniais.

Resposta ao largo do Grilo, às iniciais J. G. ou ao telefone 3864 — Bouro — Amares.

Incêndio

Com o alarme produzido pelo repicar dos sinos, deslocou-se o pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários desta localidade à freguesia de Prozel, onde se tinha propagado incêndio numa propriedade do Senhor João Gualberto de Macedo, mas de poucas consequências, por não ter alastrado além de uma meda de palha, que se encontrava junto ao prédio, a que crianças haviam comunicado o fogo.

Estrada Municipal para Barreiros

A estrada municipal que da Feira Nova conduz a Barreiros foi beneficiada com a cobertura de terra em quase toda a sua extensão e em alguns sítios consertado o seu leito que se encontrava em mau estado.

Esta obra foi levada a efeito por um particular. O dono da Secretaria Municipal, ao que nos dizem, teria dito a um funcionário para avisar esse particular que não tem o direito de mecher na estrada.

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

Voo de Ícaro

(Continuação da 1.ª página)

vertiginosa, louca, a que uma fatalidade parece obrigá-la.

E quanto mais se fala em desarmamento, mais os resultados práticos desmentem a ideia de desarmar, como que parecendo as palavras já não terem sentido exacto e que a sua pronúncia provoca reacções exactamente contrárias aos efeitos que se pretendem.

Mas porque não acreditamos que nada disso aconteça por acaso, pois fatalistas não somos, nem queremos obrigá-los os nossos leitores a sê-lo, há que concluir que uma força superior arrasta a humanidade para uma situação, senão desesperada, pelo menos muito embaraçosa, por forma a mostrar-lhe que UM SER OMNISCIENTE existe a trocar-lhe o passo, a "escrever por linhas tortas" na sua vida, a provar-lhe que a sua liberdade de pensar e de agir lhe foi dada, é certo, mas para se guiar por leis morais, que não são suas.

De geração em geração a humanidade foi acumulando conhecimentos e com eles formando civilizações; do conhecimento passou à ciência, pela ciência julga-se superior a tudo, por vezes mesmo a Quem lhe deu a própria faculdade de pensar — a inteligência — que é a sua maior força e que pela excessiva liberdade que dela usa, a pode conduzir ao caos, como se está vendo nesta época em que parece já não haver mistérios para o cérebro humano, nos obstáculos à consciência.

Ao passo que nos parece que a humanidade já brinca com a inteligência e faz dela tudo o que quer, também se nos afigura que, como que a modos de lhe fazer uma partida, Deus gracieja com ela, tecendo-lhe com a Sua Omnicência o enredoso labirinto em que se encontra e do qual não terá saída sem o Seu auxílio, sem que primeiro procure remédio na doutrina que lhe ensina a substituir o ódio pela brandura, o orgulho pela humildade, a ira pela paciência, o vício pela virtude, a corrupção pela honestidade, a orgia pela temperança e pela continência; numa palavra: a ser humana; em suma: a ser caritativa.

A humanidade, se não de-sejar perder-se tem de observar a fórmula em que se resume toda a doutrina cristã: amar a Deus e ao próximo.

Respeitar Deus, porque está mais do que provado que sem Ele nada pode a sua ténue ciência, muito froixa penumbra comparada com a Omnicência de Deus; respeitar o próximo, porque desta forma se estabelecerá a harmonia — a paz por que tanto se anseia e que tão perto está de nós e ao alcance de todos.

Enfim, a humanidade fará uso da «boa vontade» para garantir a paz, outro remédio

que lhe foi lembrado logo na altura do Nascimento do Redentor e que não é mais do que a consubstanciação, por assim dizer, de todos os preceitos do Decálogo, ou seja: boa vontade para com Deus e para com o próximo.

Em lugar de se atear o ódio, propague-se a «boa vontade» e as trevas desaparecerão da inteligência, fazendo-lhe seguir o rumo certo que a conduzirá a porto de salvação.

De contrário, a humanidade continuará a voar o voo suicida da sua liberdade, enbalada nas azas da ciência, ébria de orgulho, ao som da trombeta mágica e diabólica da «paz armada» — qual Ícaro sonhador! — em voos cada vez mais altos, sem reparar que as asas de cera não podem, de forma alguma, resistir à temperatura infernal de um milhão de graus de uma simples bomba, quando mais ao deflagrar apocalíptico de centenas destes engenhos preparados por Satanaz para destruir o mundo, que odeia com todo o seu ódio mortal!

EME

CONVOCAÇÃO

Nos termos do Art.º 31.º do Código Administrativo, convoco os vogais do Conselho Municipal de Amares para a 2.ª sessão ordinária deste órgão Administrativo, a qual terá lugar no próximo dia 11, pelas 14 horas e 30 minutos, no salão Nobre dos Paços do Concelho.

Amares, 4 de Setembro de 1957

O Presidente da Câmara,

a) Doutor Avelino Manuel da Silva

CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre 97\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre 60\$00
Ano 120\$00

LAGO

No Porto, onde residia, faleceu no passado dia 30, com 80 anos de idade o sr. José António Soares, daqui natural.

Muito novo emigrou para Manaus (Brasil) onde depressa triunfou tendo fundado a casa J. Soares, Ferragens, S. A.

Era casado com a sr.ª D. Rosalina Ribeiro Soares e pai dos srs.: José e Alfredo Ribeiro Soares, residentes em Manaus, Augusto Acácio Soares e D. Albertina Guiomar Soares residentes em Vila Verde.

O seu funeral realizado no Domingo, com responsos na igreja da Lapa, no Porto, chegou a esta localidade pelas 12,30, sendo no largo do Paço

aguardado por enorme multidão que o acompanharam até à igreja onde foi rezada missa do corpo presente, sendo no final depositada a urna no jazigo que possuía no cemitério local.

Deixou profundas saudades em toda a freguesia. Era uma alma sã. Dava avultadas esmolas aos pobres sempre que aqui vinha, e no natal, então, distribuía muito dinheiro.

Que Deus o tenha em eterno descanso.

«Tribuna Livre» apresenta condolências a toda a família em luto, especialmente a seu sobrinho sr. Alvaro Soares Vieira, nosso presado assinante, e comerciante, em Manaus (Brasil).

— Faleceu, também, a sr.ª D. Cacilda de Almeida Fontes, estimada esposa do nosso bom amigo sr. José Joaquim Fontes, abastado proprietário desta freguesia.

O seu funeral realizou-se na passada 2.ª feira, com ofício, e missa de corpo presente.

Ao sr. Fontes e a seu filho sr. António Fontes os nossos sentimentos.

— Encontra-se bastante mal, esperando-se a todo o momento o desenlace fatal, a sr.ª D. Bebiania (Bibi) Rodrigues, esposa do sr. José Maurício de Azevedo.

J. P.

Reunião extraordinária do Conselho Geral do Grémio da Lavoura

(Continuação da 1.ª página)

Conselho Geral referiu-se aos motivos da convocatória emanada da Direcção, dando, seguidamente, a palavra ao Senhor Presidente da Direcção a-fim deste analisar e defender os pontos em discussão.

O Senhor Presidente da Direcção leu o orçamento suplementar que foi aprovado pelos presentes sem discussão.

A seguir defendeu calorosamente a compra de uma casa e quintal, sita no Largo de D. Gualdim Pais, para instalar a sede e os armazéns do Grémio e a necessidade do Grémio contrair um empréstimo para tal fim.

O assunto, palpitante de interesse e actualidade, mereceu largas referências a diferentes conselheiros, originando constantes intervenções do Senhor Presidente do Conselho Geral e, a pedido deste, do Senhor Presidente da Direcção, a-fim de ilucidar os presentes.

Depois de longo debate que se prolongou por algumas horas, foi apresentada uma proposta pedindo que a direcção mandasse proceder a um estudo prévio sobre as condições da compra e possibilidades de adaptação do prédio.

Chegou a ser apresentada um terceira proposta que, em virtude de ser idêntica à da direcção, foi retirada ficando para serem sujeitas à votação duas propostas.

Neste momento o Senhor Presidente da Direcção teve de abandonar, por circunstâncias inadiáveis pelo que o Senhor Presidente do Conselho Geral encerrou a reunião para voltar a fazer-se quando a direcção achar oportuno convocá-la.

A reunião, o assunto e as atitudes dos homens merecem-nos largas referências e claros comentários que daremos num dos próximos números deste jornal; para já, por ser de elementar justiça, uma referência elogiosa às pessoas que intervieram no debate pela elevação com que o fizeram e ao Senhor Presidente do Conselho Geral do Grémio pela maneira criteriosa e isenta como orientou os serviços.

“David,, Cabeleireiro



Minhas Senhoras:

Este é o moderno

salão que deve

preferir.

Av. Marechal Gomes da Costa

N.º 754-2.º (com elevador)

BRAGA

Lede e assinaí
«Tribuna Livre»

Residência

Paroquial

(Continuação da 1.ª página)

significa que a obra se vai iniciar, quando a verdade é que as autoridades e pessoas gradadas da freguesia, reunidas, resolveram iniciar as obras que já vão adiantadas, acompanhando a satisfação unânime que a todos anima.

O que vai ser preciso agora é que todos colaborem e ajudem, do que estamos certos, dado que todos igualmente sentem que temos de retribuir a nobreza e a lhanza com que fomos distinguidos.

Nunca os nossos brios foram menos claros e nunca quem nos serviu bem foi mal pago ou mal julgado, assim vai ser desta feita mas ainda com mais calor.

Agência Funerária

DE

Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornatações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornatações de cruces e todos os serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em Coucieiro—Vila Verde ou em Fiscal—Amares

Bilhetes — Cartas de Angola

Sá de Miranda



"A Egípcia Santa Maria"

(Continuação)

Iniciamos, hoje, a publicação de uma série de *Bilhetes — Cartas de Angola* da autoria de um ilustre colaborador que se dá pelo pseudónimo de Gonzaga da Cruz.

Gostosamente honramos as colunas do nosso jornal com a sua útil colaboração que esperamos seja por muito tempo.

I

Meu saudoso Pedro Lucas:

Acuso a recepção da tua carta e já que insistes tanto na minha viagem, e, também, as peripécias alegres e tristes do meu peregrinar, por este mundo de Cristo, farei o impossível por te contar tudo o mais mal que possa.

Tu bem sabes que eu não tenho «aquela» nenhuma para escrever. Por isso, desde já te suplico que não te armes de autoridade, e, com caneta e lápis, como fazia o meu velho professor — que Deus conserve por muitos anos — implacavelmente, marques todos os erros de ortografia e sintaxe que, por injelicidade, encontres nestas minhas tão despreziosas redacções familiares. Reveste-te de paciência evangélica e lê com os olhos fechados, digo, fecha os olhos a todas as deficiências que descobrires, porque, assim, sentir-me-ei mais à vontade, para te poder escrever como a amigo íntimo.

Depois... peço-te, encare-

cidamente, que não mostres, ou melhor, que não des a ler, a ninguém, estes meus postais-cartas. E, que, eu vou tentar descrever-te alguns costumes indigenas, empregar uma ou outra frase a seu modo, referir-te, ainda que muito ao de leve, alguns factos ocorridos nesta minha vila de Boa-Fé. E, como já sou «século», e receio estar castrado, tenho muito medo das críticas amargas, das censuras impiedosas, receio a leia intriga.

Sê indulgente, portanto, e não te esqueças que a indulgência é a virtude dos que se conhecem.

No próximo Bilhete-Carta, já que a tanto me obrigas, iniciarei o «Roteiro» — deixa-me dizer assim — da minha viagem, e fico a aguardar, com ansiedade, as tuas notícias que tanto aprecio, pois que, afinal, são as notícias da nossa Terra Natal...

E, como é a primeira vez que te escrevo, por isso mesmo, não quero abusar, demasiadamente, da bíblica paciência com que prometeste ler-me, termino aqui.

Recomenda-me a teus Pais e mais família.

Teu amigo que saudosamente te abraça.

Boa-Fé, 1 de Setembro de 1957.

GONZAGA DA CRUZ

Bombeiros V. de Amares

TELEFONE 62113

Alegres e afeiçoados os pais criavam a menina, pode ser que descuidados, do ensino e da doutrina a que eram mais obrigados. Sempre o amor he devido encoberto e moderado, que hum filho favorecido vem a ser solto e perdido e o pai, do Céu castigado.

Maria já hia crescendo no parecer e na idade, o mal e bem conhecendo, fazendo a própria vontade, e nunca a dos pais fazendo. A mãe cega de afeição tudo lhe deixa fazer, não fazendo o que he rezão, e assim foi a criação como não devera ser.

Ninguém lhe dava desgosto por ser de todos amada, sendo tão mal doutrinada, que em tudo lhe davam gosto, e ella o não dava em nada.

Assim mimosa e querida passava a vida ociosa, por que a donzella mimosa se ociosa passa a vida, passa a vida perigosa.

Sendo de pouca sustancia erros que crianças fazem, se com tempo os não desfazem verio de pouca importancia danos que consigo trazem.

A menina procedia com princípios tão ruins, o Céu que tudo antevia, tirou tão ditosos fins, dos maus fins que prometia.

Nunca dobrar a quizeram só por não a molestar, e tanto mal lhe fizeram, que depois para a dobrar era quando não puderam. A mãe quer tê-la sujeita, que he na molher natural; mas muito mal lhe aproveita, porque a filha aceita mal, porque tudo mal aceita.

Deseja a mãe entretê-la em algum honesto exercício, porque o seu officio della he não ter nenhum officio que he mau officio em donzella.

Dá-lhe pelo que presume, como he costume, almofada, porque era costumada a lhe enfadar tal costume, já por costume se enfada.

A mãe pelo que conhece na filha, por seus pecados, desenfados aborrece, que na mãe crecem cuidados, e na filha o vicio crece.

Vai lavrando esta peçonha e a vergonha a perecer, que quando acaso a molher chega a perder a vergonha, já não tem mais que perder.

À mãe e pai encobria esta má inclinação, o pai tudo não sabia, e aqui esteve a perdição não saber que se perdia.

O pai de noite não dorme a mãe de dia está triste, a filha anda desconforme, e todo este mal consiste porque a filha se reforme.

(CONTINUA)

Folhetim da "Tribuna Livre", 36

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

- Bem, obrigado. E o tio Francisco?
- Vamos lá com Deus que também não passo mal.
- Eu desejava-lha umas palavrinhas, tio Francisco.
- Já sei o que me queres, meu maroto.
- É que eu...
- Gostas da minha filha, bem sei...
- E vinha então...
- Pedir-ma em casamento.
- Advinhou!
- Senta-te e espera um pouco.

E o Francisco do Monte chamou pela mulher, pela Albertina. Quando a mãe da Maria Teresa assomou à entrada da sala, o marido disse-lhe:

- Anda cá mulher, anda cá que está aqui o José do Outeiro que nos vem roubar a filha.
- A pérola das filhas, disse, ao entrar, a mãe da pequena.
- O José levantou-se e cumprimentou a sua futura sogra!
- Boa tarde, tia Albertina.
- Boa tarde, José; como está a tua mãe e como vai o teu pai?
- Estão bem; e a tia Albertina como tem passado?
- Graças a Deus cá vou andando com saúde.
- Que é a melhor riqueza que se pode desejar.
- Dizes bem, meu filho, dizes bem.

Agora responde-me cá: Então és tu, que te julgava tão bom rapaz, que me queres roubar a filha?

- Se não fosse eu... seria outro, tia Albertina!
- Lá isso é verdade, pois uma rapariga destas nunca fica só para tia — e nisto não entra em conta o meu amor de mãe.
- Pois está bem, meu rapaz — interrompeu o tio Francisco — se ela

quer e tu queres, se queres os dois, eu cá e a minha velhota não nos opomos aos vossos desejos, à vossa felicidade.

E como ela tinha de casar com alguém, antes contigo, José, pois temos-te na conta de um bom, de um excelente rapaz.

— Obrigados. E creiam que procurarei fazer feliz a Maria Teresa, que nunca lhe darei o mais leve desgosto!

— Assim o esperamos — exclamaram, ao mesmo tempo, os pais da pequena.

— Bem, agora, Albertina, chama lá a vítima, pois sempre queremos saber da sua justiça — disse, a rir, para a mulher, o tio Francisco do Monte.

A senhora Albertina foi à porta e chamou a Maria Tereza que acorreu logo, e já esse chamamento lhe tardava mais tempo do que ela previra e desejava.

— Então Maria Teresa — interrogou o pai — já sabes o que este «marau» aqui veio fazer?

- Desconfio... meu pai!
- Ah! desconfias... não tens a certeza?
- Lá a certeza... não tenho!

O meu pai dirá...
— Pois olha que não veio cá com boas intenções...
— Também me quiz parecer isso...

Mas como não tinha... a certeza!
— Então é de opinião que se castigue?...
— Acho boa a ideia! — para que lhe fique de lição e aos outros quando tiverem as mesmas veleidades com as cachopas.

— E como o hei-de castigar?!
— Sou de opinião que o castigo mais eficaz, para não voltar a repetir a «gracinha» é o pai fazer-lhe a vontade...
— Essa agora!

Olha que ele vem peir-me nada mais, nada menos, do que a tua mão!

- Vamos lá que ainda podia ser pior!
- Ainda podia ser pior!
- Se pedisse as duas!...
- Por essa opinião é que eu não esperava!
- Então é da tua vontade que eu he diga que sim?!
- Parece-me a solução mais acertada!

Eu já fiz pior...
Tu já fizeste pior?!

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

uma ideia daquele aspecto da questão: uma mais perfeita organização paroquial nas terras altas, incomparavelmente mais habitadas, mesmo de elementos da nobreza, herdeira da *cavalaria andante* que por aí se fortificou no período mais aceso da luta contra os inimigos da Cruz.

A estratégica militar cedeu lugar na paz, à comercial e industrial: enquanto as populações sertanejas estagnaram ou entraram em decadência, as localidades de mais fácil acesso, por terra ou por mar, transformaram-se mais ou menos vertiginosamente nos grandes centros populacionais que admiramos em nossos tempos.

Pode por este prisma observar-se a lenta transição por que passaram as terras de Entre-Homem e Cávado, com reserva de que os filhos seus naturais foram geralmente levados na debandada a participar nos empreendimentos que engrandeceram a Pátria à quem e além-mar, quando seus pais, e raramente os irmãos, se deixaram ficar, a moirer de sol a sol, a socalçar campos e leiras, a dilatar o minguado património rural; o legítimo orgulho do zeloso chefe de família de casal agrícola serviu de emulação e brio no salutar despique em que se debateram os bons e consagrados lavradores de outras eras, quando nada os distraía do meio de seus afazeres, de um mais íntimo contacto com a fazenda-facienda.

* * *

Por toda a parte emergem por entre a frondosidade da vegetação as grimpas das torres ou companários, a assinalar no centro da freguesia a velha igreja, sempre cuidada e alindada, desde as paredes alvíssimas, que por vezes destoam entre pardieiros humildes, ao recheio de ricas imagens e altares.

Tantas vezes ampliada e restaurada a expensas dos fregueses ou por voto e devoção do crente, de modo a comportar a família paroquial, cada vez mais numerosa, ela sucede à modesta ermida que discretamente se escondeu, sem ousar marcar ao longe a sua presença odiosa aos inimigos de outros tempos menos ditosos.

Levam notícias de umas às outras, a curta distância os dobres e os repiques dos sinos, tão bem se lhes conhece o timbre dos sons, nesse amálgama da dor e da tristeza que se casam no ar, enquanto no chão, se movimentam, indiferente ao próprio tempo que passa, um formigueiro humano a pelejar pelo pão de cada dia.

Que mundo de vida se prendem a tudo isto por cadeias seguras, dos que por ali ficaram e dos que partiram para longínquas paragens, saudosos dos recantos queridos do lar, das inesquecíveis recordações da infância; que de aventuras, que de romances de que um vivo realismo ressalta, desde esses baptistérios humildes, onde a vida começa, ao repouso tranquilo dos «campos-santos» em que tudo neste mundo finda.

Amares

E', por todas as razões, a primeira das freguesias de que vai tratar-se.

Já era cabeça de Entre-Homem e Cávado e deu o nome ao que lhe sucedeu em 1853.

Com as 24 freguesias, de que ficou composto, o concelho de Amares tinha, em 1875 uma população calculada em 12.000 habitantes, distribuídos pelos seus 8.917 hectares, em que se avalia a respectiva superfície.

O número dos prédios, a esse tempo inscritos na matriz, era de 10.549, segundo a Corografia Moderna de J. M. Baptista. Presentemente é de 35.220 rústicos e de 3.916 urbanos.

Deve de andar hoje pelos 17.000 habitantes, partindo de que, em 1952, por efeito do IX Recenseamento Geral da População, tinha 16.248, e eram 7.620 homens e 8.628 mulheres, claro está entre adultos e crianças.

Situada em planície, tem mesmo assim amplos e belos horisontes, que se elevam ao perto e a distância em todos os seus contornos; e, porque a Arte a achou compensada de tantos dotes naturais, naquele particular pouco há que registar-se.

É bem modesto o edifício dos paços do concelho, sem proporções nem imponência o recomendem; estão no entanto aí instalados, além dos Serviços administrativos da Câmara, e do Julgado Municipal, que ocupam o andar nobre, os da Fazenda, arquivos e cadeia no inferior ao nível da rua.

As Conservatórias, civil e predial, e bem assim o cartório do notário, estão acomodados e dispersos por outros tantos edifícios particulares.

Já se referiu que a vila teve pelourinho e foi considerado monumento Nacional, mas hoje dele nem os mais leves sinais se descobrem ao certo.

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Um automóvel atropelou um rapazito que veio a falecer pouco depois

Vindo de Braga e ao chegar a Vila Verde, no lugar de Chelo, um automóvel conduzido pelo sr. Lino da Silva Fernandes, solteiro, empregado comercial, portador da carta de condução «Ligeiros» 88-502 passada pela Circunscrição de Lisboa, morador no lugar da Bouça, da freguesia de Moreira — Monção, atropelou o menor Firmino Caridade Gonçalves, de 4 anos de idade, filho de Manuel Gonçalves e de Júlia Caridade ambos naturais desta vila.

Informações colhidas no Posto da Guarda Nacional Republicana, cujo comandante prendeu imediatamente o condutor do auto e o remeteu a juízo com o respectivo processo, a vítima foi vista pelo condutor a 14 metros, não conseguindo estacar o veículo indo de zorro mais 19 metros e daqui projectou a vítima a mais 5 metros, já sem vida.

O carro, marca Prefect, com a matrícula D-1-22-18 pertença do sr. António da Silva Fernandes, também natural da freguesia de Moreira — Monção — não estava no seguro, razão por que foi apreendido e entregue ao Tribunal.

Nova indústria

Pelo sr. Alberto da Silva Rodrigues, foi montada nesta vila, vindo de Guimarães, uma oficina metalúrgica para confecção de todas as ferramentas de construção civil e especialmente ferramentas de sapataria, alicates para revisores, para selos de chumbo, e balanças.

Ao sr. Alberto da Silva Rodrigues, auguramos muitas prosperidades e boa sorte e felicidade ao-lo por dotar Vila Verde, terra de seus pais, com uma indústria aqui desconhecida.

Banda Marcial de Vila Verde

Terminam no dia 22 do corrente, com as Festas de Ponte do Lima, as saídas da nossa Banda, que de ano para ano se tem exibido e defrontado com as melhores Bandas do Norte do país.

Não precisamos enaltecer este conjunto musical que tem, a todos os títulos, granjeado vastos aplausos quer no país quer no estrangeiro, e até por estrangeiros que se tem deslocado a Portugal para a ouvirem e aplaudir.

Por ter terminado o período das festas da época de 1957, foram convocados os seus conselho fiscal e direcção que numa reunião conjunta, realizada no passado dia 2, tratou de vários assuntos de administração e ainda de outros.

Acta da reunião do dia 2 de Setembro de 1957

Para esta reunião foram convocados todos os membros da Comissão Organizadora da Sociedade de Educação e Recreio, com aviso especial para a comparencia de todos os membros com absoluta falta de dispensa e com o aviso prévio de que essa falta correspondia à desistência de membro dessa Comissão.

Não compareceu nem assinou o aviso prévio o Senhor António Augusto dos Santos, tendo comparecido todos os outros membros ou sejam os Ex. mos Senhores, Dr. António Ribeiro Guimarães, António Anselmo Soares, Mário Bacelar Alves, José Soares da Silva Lago, Artur Ferreira Carmo Loureiro, Francisco Joaquim Fernandes de Azevedo, João Alves dos Santos, Simplicio Antunes, Manuel Torcato da Costa Pinheiro, Francisco Fernandes, Gaspar Augusto Machado, Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Anselmo Vilela Fernandes, João António Vilela Fernandes, António Julião da Silva, Armindo Soares de Sousa e José Peixoto.

Foi em seguida aprovada a exclusão do Senhor António Augusto dos Santos, da Comissão por absoluta falta de interesse demonstrado durante o decorrer dos trabalhos e a sua manifesta má vontade contra a boa harmonia que tem presidido ao funcionamento desta Comissão.

Por propostas de vários oradores foram ventilados outros assuntos de interesse para o bom funcionamento desta Sociedade e por eleição verbal entre os presentes foram nomeadas Comissões orgânicas para sistematização de funções e que ficaram assim constituídas.

Sociedade de Educação e Recreio

Direcção: — Presidente, Dr. António Ribeiro Guimarães; Vice-Presidente, António Anselmo Soares; Secretário, Mário Bacelar Alves; Tesoureiro, Gaspar Augusto Machado.

Vogais Directores: — Francisco Fernandes, Manuel Rodrigues da Silva, Artur Ferreira Carmo Loureiro, José Soares da Silva Lago, Manuel Torcato da Costa Pinheiro e João Alves dos Santos.

Banda Musical: — Presidente, Dr. António Ribeiro Guimarães; Vice-Presidente, Mário Bacelar Alves; Secretário, António Anselmo Soares; Tesoureiro, Manuel Rodrigues da Silva.

Vogais Directores: — Francisco Joaquim Fernandes de Azevedo, Manuel Tor-

cato da Costa Pinheiro, Francisco Fernandes, João António Vilela Fernandes, Simplicio Antunes, Manuel Anselmo Vilela Fernandes.

Comissão Orientadora e disciplinar: — José Soares da Silva Lago, Manuel Anselmo Vilela Fernandes e Manuel Rodrigues da Silva.

Por último, foi aprovado um voto de louvor para alguns dos elementos desta Comissão que pelo seu esforço, e boa vontade têm concorrido para o brilhante êxito da companhia incetada em prol do novo Edifício desta Sociedade, tendo os presentes concorrido para uma colecta que atingiu a importância de mil e quinhentos escudos para solver compromissos em atraso.

Foi encerrada em seguida a Sessão, pelo presidente, que a todos agradeceu o interesse manifestado.

Vila Verde, 2 de Setembro de 1957.

D.

Tratamento de vasilhas

que contiveram vinhos doentes ou atacados de bolores

(Continuação da 2.ª página)

até molhar todo o interior do casco ou pipa.

Deixar escorrer o excedente.
5.0 — Preparar, por cada 100 litros de capacidade, a solução: Água fervente, 5 litros; Permanganato de potássio 10 grs.; utilizando um recipiente de barro vidrado ou folha;

6.0 — Deitar toda a solução na vasilha, rebolando-a demoradamente e vascolejando com força;

7.0 — Lavar abundantemente com água fria até sair limpa;

8.0 — Rebolar seguidamente a vasilha contendo a solução: Água, 1 litro; Metabissulfito de potássio, 100 grs.

9.0 — Lavar com água fria, deixar secar durante 24 horas e mechar fortemente com mechador ou sulfurador.

Da C. de V. R. V. V.

Assinai e propagai
A
«Tribuna Livre»

A MODELAR TIPOGRAFIA ENCADERNACÃO PAPELARIA

DE IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO — Amares